

## Gasolina

### Reajuste, agora, será quinzenal

A Petrobras anunciou o fim do repasse diário da cotação internacional, em dólar, para o preço dos combustíveis. Mas a paridade com o mercado será aplicada.

PÁGINA 9

**CONJUNTURA /** Petrobras muda a política de preços do combustível, que, a partir de agora, poderão ficar congelados por até 15 dias. Paridade com as cotações do mercado internacional, porém, continuará valendo

# Gasolina: fim do reajuste diário

» SIMONE KAFRUNI

**P**ressionada pela alta volatilidade do dólar às vésperas da eleição, a Petrobras anunciou ontem mais uma mudança na política de reajustes do preço da gasolina. Em vez de sofrer alterações diárias, como vem ocorrendo desde julho do ano passado, o valor do litro na refinaria poderá ficar congelado por até 15 dias. Para evitar prejuízos, a estatal usará mecanismos financeiros de proteção, como a compra de derivativos de gasolina na Bolsa de Nova York e de hedge cambial no Brasil. Segundo a companhia, o preço da gasolina na refinaria, nesta sexta-feira, é de R\$ 2,2069, o mesmo dos dois últimos dias.

Para especialistas, a medida é boa, porque mantém a política de paridade dos combustíveis com o mercado internacional, ainda que com um prazo maior para aplicar as variações, mas também é preocupante, porque foi tomada por pressões externas à empresa.

De acordo com **João Paulo Naegle**, especialista do setor de óleo e gás do escritório **Vinhas e Redenschi Advogados**, a medida certamente evita variações bruscas de preços e permite que o consumidor tenha mais previsibilidade em relação aos valores que encontrará nos postos. “Agora, a Petrobras, por ser uma empresa estatal, está sempre sujeita a influências do Poder Executivo. Então, é possível que tenha havido algum tipo de pressão para adotar a medida, por conta da proximidade das eleições e a maior volatilidade do câmbio neste período”, avaliou.

No anúncio que fez ao mercado, a Petrobras garantiu que, “sem abrir mão da paridade dos preços internacionais, o mecanismo permitirá à empresa obter um resultado financeiro equivalente ao que alcançaria com a prática de ajustes diários”. O diretor financeiro da companhia, Rafael Grisolia, explicou que a proteção pode ser aplicada por prazo máximo de 15 dias, mas os reajustes podem ocorrer em períodos variados. “Podem ser cinco, seis, sete dias”, disse.

Segundo ele, com os derivativos, a empresa poderá se prevenir das oscilações do valor do combustível enquanto mantém os seus preços inalterados. Mesmo que venha a perder dinheiro por alguns dias, se não reajustar a gasolina no ambiente doméstico enquanto a commodity sobe no mercado externo, a companhia ganhará com os derivativos na mesma proporção. “No fim das contas, o saldo entre perdas e ganhos é nulo, e o cliente é beneficiado por não ter que lidar com as variações diárias”, ressaltou.

No entanto, as mudanças não vão interferir no tamanho dos reajustes que a Petrobras vai aplicar daqui para frente. As altas no mercado internacional continuarão sendo repassadas, e o que vai mudar é apenas o prazo. “Essa ferramenta vai amenizar a volatilidade. A variação de preço ao final dos períodos se mantém”, explicou o diretor de Refino e Gás Natural, Jorge Celestino. Portanto, o consumidor continuará pagando nos postos um valor equivalente ao cobrado no mercado internacional, mas vai sentir me-

nos esse repasse, que só vai ocorrer de tempos em tempos, dentro de um limite de 15 dias.

O diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (Cbie), Adriano Pires, ressaltou que a medida mostra que a Petrobras está caminhando na curva de aprendizado para que, no futuro, não se tenha mais política de preços de combustíveis e a questão seja tratada como são as demais commodities, como açúcar e soja. “O teto do hedge é 15 dias. Mas o seguro permite que a empresa espere passar a volatilidade sem tomar prejuízos. Claro que, no fim do prazo, a Petrobras vai fazer a conta e pode ser que o reajuste seja mais violento”, estimou.

Essa é a terceira mudança na política de preços da Petrobras. No fim de 2016, a companhia anunciou que ajustaria os preços com paridade com o mercado internacional, considerando as oscilações do câmbio e do barril de petróleo, com reajustes mensais. Em julho de 2017, a estatal avaliou que era melhor as alterações serem diárias. “Na época, o governo decidiu dobrar o PIS e a Cofins sobre os combustíveis, e os estados subiram o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), então, o preço variou mais por conta da carga tributária do que por causa do barril de petróleo”, lembrou Pires.

## Caminhoneiros

A greve dos caminhoneiros interrompeu a curva de aprendizado, explicou o diretor do Cbie. “O país voltou atrás e o governo passou a intervir no preço do diesel, justamente num momento em que a Petrobras aumentava a participação de mercado. Houve uma ruptura no processo”, comentou.

Agora, segundo o especialista, o que a companhia está fazendo é se prevenir da temporada de furacões nos Estados Unidos. “Além disso, as eleições também provocam volatilidade do dólar. Então, a Petrobras decidiu pela política de proteção, de hedge, para evitar que eventos climáticos e o câmbio interfiram demais nos preços. Se não tivesse subvenção ao diesel, com certeza essa medida seria também para o combustível, mas não entrou”, disse.

Celestino, diretor de Refino da Petrobras, confirmou que um dos eventos que podem causar volatilidade excessiva são ocorrências climáticas nos Estados Unidos. “Os preços sempre vão variar segundo a oferta e a demanda. Mas outros fatores, como furacões nos Estados Unidos que podem deixar algumas instalações indisponíveis. Isso traz um efeito de volatilidade que não é estrutural, mas conjuntural”, afirmou. O mercado recebeu bem a mudança. As ações preferenciais da Petrobras subiram 1,82% e as ordinárias se valorizaram 0,87% no pregão de ontem.

Nelson Perez/Petrobras/Divulgação



De acordo com os diretores Rafael Grisolia e Jorge Celestino, mecanismos financeiros evitarão prejuízos à estatal